

A IDENTIDADE SOCIAL DO IDOSO: MEMÓRIA E CULTURA POPULAR

SOCIAL IDENTITY OF THE ELDERLY: MEMORY AND POPULAR CULTURE

Silvane Aparecida de Freitas¹

Maria Jacira da Costa²

UEMS - MS

RESUMO

A cada nova geração, os modos, comportamentos as expressões verbais e as histórias populares vão sendo esquecidas ou assumem novos significados. Pensando na importância da re-significação dessas histórias, desenvolvemos este estudo visando contribuir para a construção de mecanismos de preservação da cultura popular. Para isso, transcrevemos os relatos de cinco idosos, internos no Asilo Santo Agostinho, com o objetivo de trazer à tona sua cultura, criar condições favoráveis para a socialização do idoso e desfazer a visão unilateral e estigmatizada que vem desde a antiguidade, que imobiliza o idoso, impossibilitando-o de reagir aos estigmas da velhice. Ao verificar que a maioria desses sujeitos não possui alfabetização escolarizada, constatamos o quanto de sabedoria popular eles têm para compartilhar, possuem uma pedagogia própria que permite a leitura e interpretação de mundo.

Palavras-chave: Idoso. Identidade. Cultura. Educação.

ABSTRACT

With each new generation, customs, behaviors and verbal expressions and popular stories have been forgotten or assuming new meanings. Thinking about the importance of re-signification of these stories, we designed this study to contribute to building mechanisms for preservation of popular culture. For this, we've transcribed the reports of five inmate elderly from St. Augustine Asylum, aiming to bring out their culture, creating favorable conditions for the elderly socialization the and undoing the unilateral and stigmatized vision that comes from antiquity, which immobilizes elderly making them unable to react against to the old age stigma. Noting that the most of these subjects have no schooling literacy, we've realized how much wisdom they have to share stories with a proper pedagogy for reading and interpreting the world.

Keywords: Elderly. Identity. Culture. Education.

¹ Doutora em Letras (UNESP/Assis, 2002), pós doutorado em Linguística Aplicada (IEL/UNICAM, 2010), professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Paranaíba-MS, silvaneafreitas@hotmail.com

² Acadêmica do 4º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, maria_jaciracosta@hotmail.com

Introdução

Na antiguidade, a cultura de um povo era transmitida de pai para filho, de geração para geração, apenas por meio da oralidade, sendo a memória humana que conservava as histórias, as crenças, os costumes das pessoas, de indivíduos que viveram, participaram dessa esfera cultural e outros fatos relatados por seus antepassados. No entanto, com as transformações pela qual a sociedade brasileira passou, devido ao processo de industrialização e aos avanços tecnológicos, a humanidade tem buscado novas conquistas e descobertas que trazem ao homem atual facilidades que os antigos não tinham.

Partimos do princípio que todo ser humano tem sua cultura e a promove na medida em que se comunica com o outro. Consideramos que a cultura das pessoas menos escolarizadas é rica em sabedoria popular, brotada do senso comum, da intuição, que é a origem do conhecimento erudito. Ao buscar compreender a identidade cultural de pessoas com mais de sessenta anos, queremos também refletir sobre a educação, bem como os mecanismos internalizados e as contribuições que nos trouxeram. Sabemos que uma grande parte dessa geração não possuía conhecimento escolarizado devido à política, ao sistema de exclusão, e a cultura da época não valorizava esse tipo de conhecimento, já que a leitura e a escrita eram privilégios de poucos.

Partindo desses princípios, visamos refletir sobre a maneira como o idoso é visto na sociedade atual, sendo tratado com indiferença acaba por reduzir ainda mais a sua já abalada auto-estima, contribuindo, portanto, para a sua própria exclusão. Esta é uma luta de classe, onde o idoso é estigmatizado pelos padrões culturais; a sociedade capitalista transformou as pessoas em mercadorias, fixando idades, critérios para cada faixa etária da vida (SIGRIST, 2006).

Tais transformações sociais têm influenciado decisivamente nos hábitos familiares, alterando antigos costumes arraigados. Esse novo comportamento passa a ser aceito como uma nova cultura, as famílias incentivadas pela sociedade admitem como necessidade que “os mais jovens também precisam viver a sua vida” ou que “os velhos já viveram a sua.” (COSTA, 1998, p. 12). Assim sendo, o objetivo deste estudo é contribuir para a valorização da cultura popular do idoso, resgatando os causos, as lendas, os provérbios, os ditados, as superstições, as histórias folclóricas que os idosos tem a nos contar.

É importante ressaltar que os relatos dos idosos citados neste artigo fazem parte do Projeto de Extensão “Memória e história: a voz e a vez do idoso”, registrado no site do Sigproj/PROEC/UEMS. Para o desenvolvimento deste projeto, utilizamo-nos dos pressupostos teóricos da Metodologia da História Oral, a qual, segundo Delgado (2006), contribui para relativizar conceitos e pressupostos e universalizar experiências humanas e atua principalmente nas áreas do conhecimento antropológico e sociológico. Assim sendo, passamos a ouvir e gravar as histórias dos idosos do Asilo Santo Agostinho de Paranaíba-MS.

Foram sujeitos desta pesquisa cinco idosos internos com idade de 65 a 90 anos, pessoas que deveriam merecer todo o nosso respeito e valorização. No entanto, assim como as suas histórias, eles estão esquecidos, abandonados. Portanto, nesta pesquisa, procuramos dar voz a sujeitos que precisam ser ouvidos, resgatar sua cultura e integrar o saber popular (saber do idoso).

Ao desenvolver esta pesquisa, esperamos também conscientizar a população jovem sobre a importância de conhecer e valorizar a cultura desses idosos, pois conforme Costa (1998, p. 17), “respeitar os costumes das gerações passadas é respeitar a si mesmo, saber que um dia farão parte desse grupo”, e certamente terão seus costumes, suas crenças para contar a população mais jovem. Assim ao ler/ouvir os relatos dos idosos, poderemos saber quem são e foram esses sujeitos, que contribuições nos trouxeram,

que cultura internalizada possui e que precisam ser resgatadas para não se perder no tempo e, assim quem sabe, as pessoas poderão dar o devido valor a quem tanto já contribuiu para com essa sociedade e hoje são tão estigmatizados.

Esta foi a nossa pretensão desenvolver um trabalho que de alguma forma pudesse beneficiar o idoso, promover a sua sabedoria, o que não deixa de ser uma prática educativa.

O idoso numa perspectiva social

Ao longo dos tempos, estudiosos e pesquisadores definiram alguns parâmetros para caracterizar a velhice. Durigan & Queiroz, (2005, p. 114) a define como “um conceito genérico e abstrato em que estão incluídas pessoas com 60 anos ou mais” que passou a existir a partir do século XVII, com a inauguração da ciência do evolucionismo. Nesse sentido, Costa (1998) argumenta que, por estar inserido num campo de valores, ainda é um tema muito difícil de ser encarado, seja para os mais jovens ou para o próprio idoso, que, na maioria das vezes, passa a se sentir inútil ao perceber suas capacidades físicas diminuídas, sua saúde fragilizada a ponto de não conseguir mais definir um papel social que permita preservar a sua própria imagem de cidadão cumpridor de seus deveres.

Ainda conforme Costa (1998, p. 19), os filósofos pré-socráticos já falavam da velhice. Um deles, Demócrito de Abdera, chegou a dizer: “Velhice é mutilação total: tudo tem e de tudo é carente”. Esse julgamento rigoroso, essa visão unilateral que vem desde a antiguidade, faz com que o idoso seja visto por ele mesmo como atrasado, nostálgico, maçante e de muitas outras maneiras negativas; não se dando nem mesmo o direito de buscar situações novas, é comum ouvir o idoso dizer “sou velho demais para fazer coisas novas” (COSTA, 1998, p.19-20).

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combate pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por eles. (BOSI, 1994, p.81).

A professora Heloísa Helena T. S. Martins (USP), ao prefaciá-lo livro de Eneida Haddad, “O direito à Velhice” (2001), cita que a luta desenvolvida pelos aposentados nos últimos anos pelos seus direitos permite-nos dizer que “os idosos não esperam mais que lutemos por eles, mas que lutemos com eles”. Conforme a própria Haddad (1986, p.18), desde 1919, a velhice vem sendo objeto de intervenção legal ou de tutela do Estado, que “prescreve normas e Leis para serem seguidas pelos idosos em geral”.

No entanto, o que se pode perceber é que existe angústia e nostalgia por parte do idoso e provavelmente suas causas não estão ligadas somente ao comprometimento biológico, mas também aos maus-tratos, à falta de respeito, à postura preconceituosa dos demais que tendem a arremessá-lo à margem da sociedade, que passou a ver o idoso como um estorvo fazendo com que se sinta um quase “fora da lei” (COSTA 1998, p. 19;

DURIGAN & QUEIROZ, 2005). Refletindo, assim no “processo de autodesvalorização, de subestima que constitui um dos estereótipos mais característicos do envelhecimento” (PRETI, 1991, p. 28).

Às representações sobre a velhice, a posição social dos idosos ganham significados diversos conforme os contextos da sua época; o aposentado ganhou notoriedade nas falas das lideranças. No entanto, até os dias de hoje não houve apropriação e nem conscientização por parte da sociedade.

A arte de contar histórias

Porque decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da Técnica desorienta. A guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmentem cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta [...] mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional (BOSI, 1994, p.84).

Como sabemos, desde os primórdios, o homem civilizado já se preocupava em registrar sua história, sendo que para transmitir suas impressões e experiências, explicar os fatos e os fenômenos da natureza, acontecimentos, sentimentos, criou extraordinárias fontes literárias. Todos os fatos e lembranças eram transmitidos por meio da palavra que se alterava um pouco mais ou um pouco menos, mas conservava seus sentidos originais, por meio da sua imaginação. “A imaginação que tudo pode e tudo realiza (...), até os deuses, as suas divindades se misturavam aos homens para ser reais” (PIAÍ; PACCINI, 2004, p.45).

Naquela época era costume os reis terem contadores de histórias a seu serviço. Portanto, a tradição oral é uma tendência natural do homem, mas o mundo da lógica sobrepôs-se ao mundo imaginativo e singular e a arte de contar histórias, uma forma ancestral de manifestações humana, foi perdendo espaço. Assim, cabe a nós, universitários, realizar pesquisas a fim de subsidiar materiais didático-pedagógicos que servirão de orientação à geração vindoura numa perspectiva de interação e valorização do universo cultural de cada um de nós e do outro.

Sabendo que os idosos se alimentam do passado, a sua trajetória é, portanto a sua memória construída pelas representações de papéis sociais. No passado, as identidades culturais eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas. Porém, a globalização fez com que as pessoas interagissem mais entre si e com o mundo ao seu redor.

Com isso, as influências recebidas dos povos que migram de uma região para outra levam a bagagem cultural adquirida com seus ancestrais, que vai sendo somada, subtraída até adquirir um novo formato, adequando-se à região e recriando-se em novas bases. Assim, foi valorizando a oralidade do idoso, o seu saber, a sua história que coletamos os relatos que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

Os relatos de experiência de vida do idoso

É importante ressaltar que as entrevistas se constituíram em questões abertas, oportunidade em que os depoentes ficaram à vontade para falar de suas vidas, mergulhar no universo de suas memórias, transportar-se para outros tempos: quando havia fartura de alimentos, as festas, os engenhos, as parteiras, a agricultura, a religião e o convívio familiar marcavam o seu cotidiano. Assim, ao oportunizar-lhes fazer comparações, expressar seu ponto de vista, além de resgatar suas histórias contribuimos também para a socialização de sujeitos fragilizados física e psicologicamente, sabendo que os internos em um asilo são pessoas carentes de atenção. É importante ressaltar que todos os idosos aqui citados, no momento das entrevistas, autorizaram a divulgação de seus nomes nesta pesquisa.

João Batista, de 65 anos, fala da influência da lua sobre a natureza e a importância disso em nossas vidas:

Lá na roça a gente sabe quando está para chover, é só olhar para lua e observar o círculo em torno dela, se estiver longe, significa que a chuva está próxima, se for o contrário significa que a chuva está longe. As fases da lua interferem muito sobre os nossos atos, a lua rege a nossa vida.

Fala dos sentimentos inconscientes que as pessoas possuem ao qual damos o nome de mau-olhado ou olho gordo. “Essas pessoas já nascem assim, não sabem que possuem um sentimento ruim”.

O Senhor João Batista também gosta de contar causo em forma de versos, alega que, por ter convivido com pessoas com essa habilidade, aprendeu desde pequeno a rimar os causos. Assim, ele recita um causo com rimas internas e bastante sonoridade:

Antigamente tudo era simplicidade, a vida transcorria com muito mais liberdade. Hoje em dia está tudo diferente a começar pelo nascimento. Antigamente ocorria dentro do próprio lar, hoje? Só no ambiente hospitalar. E após a morte? Antigamente o pobre era sepultado embaixo de grandes árvores, diziam os parentes que era pra descansar mais sossegado.

O Senhor João Batista compara o seu tempo de juventude com o de hoje e diz:

Antigamente a grande virtude das moças era ser prendada no lar, lavar, passar, cozinhar e também saber bordar, recatadas e delicadas algumas sabiam até cantar, não se dirigiam aos rapazes nem para cumprimentar. O namoro era coisa séria só se trocavam olhar, conversar, trocar idéias... só depois de casados, a moça que transgredisse as regras ficava com o nome falado e, mesmo com seu marido, os desejos eram contidos como se fosse pecado.

Assim, o Senhor João Batista além de relatar os fatos, reativar na memória suas lembranças do passado, repassa-nos suas crenças, os valores de uma época, bem como o seu ponto de vista sobre os fatos; revela-nos um pouco da ideologia dele e da época que era muito machista – a mulher não tinha vez nem voz.

A segunda pessoa entrevistada foi a Senhora Manoelina de Jesus, 74 anos. Ela também fala das dificuldades existentes hoje em dia, que para ela é, sobretudo, a falta de fé em Deus e no coração das pessoas. Ela desabafa:

Tenho pouca leitura, pois no meu tempo não havia escolas rurais e nem transportes escolares como hoje em dia, o pouco que sei foi aprendido com pessoas que me ensinaram em casa mesmo, escola era só para os filhos do patrão que pagava um professor para ensinar seus filhos. A nossa função era ajudar nossas mães nos serviços do terreiro, como cuidar da casa ajudar na produção de farinha, polvilho, socar arroz no pilão, levar as refeições na roça para os peões. Serviço este que corríamos grande risco de vida, pois existia onças nas matas. Era comum deparar com manadas de bichos como catetos, capivaras, queixadas. Tinha que matar os bichos senão eles comiam toda a lavoura. O mundo está mudado e a natureza revoltada. A culpa é das pessoas que em nome do progresso mudou tudo. Antigamente, os meios de transportes mais comuns eram o carro de boi e o cavalo, não havia tantas mortes por acidentes como acontecem hoje. As pessoas rezavam mais, por isso não tinha tantas violências. O progresso é importante, porém trouxe consequências para a humanidade. Como vai acabar tudo isso? Antigamente era melhor.

Nas palavras do Senhor João Batista e da Senhora Manoelina de Jesus, percebemos como a mulher era vista antigamente. Em vista dos princípios rígidos dos valores sociais e morais vigentes na época. Decorrentes da educação daquela época, o manejo da família era destinado ao homem, restando à mulher apenas as funções de cuidar da casa e dos filhos. Entre os trabalhos da mulher daquela época, estava o de fiar, isto é, tecer fios de algodão, o que, posteriormente, se transformava em cobertores e também em peças de panos de algodão com as quais confeccionavam as vestimentas. Isso era o principal atrativo e ocupação das mulheres da época, quando não estavam na cozinha.

José, 88 anos, o popular Zé da Gaita, uma pessoa alegre, sábia, embora tenha poucos conhecimentos escolarizados, consegue driblar o mau humor, aceitar as limitações da velhice e manifesta desejos de querer continuar vivendo a vida em toda a sua plenitude e realizações; gosta de tocar gaita, o que faz jus a seu apelido. Emociona-se ao falar da família, que somava um número de dezoito irmãos, mas que hoje só resta ele e uma irmã; conta que sua mãe era sobrinha de seu pai. Zé da gaita, devido à idade e também a problemas de saúde, muda repentinamente de um assunto para outro, ao que ele argumenta que “as idéias se embaralham” tornando confuso o seu discurso. Conforme Preti (1991, p.28), isso “é um dos estereótipos mais característicos do envelhecimento”. José da Gaita se emociona ao lembrar do quartel, onde serviu o exército, lugar que diz sentir grandes saudades e onde se apaixonou pela primeira vez e acrescenta:

A disciplina que lá existe
É para nunca mais esquecer
Os costumes, os hábitos.
Nos acompanha até morrer!

Também nos fala dos bailes de antigamente. Segundo ele, as pessoas iam aos bailes para dançar, tanto os jovens quanto os mais velhos e nos conta:

Era costume, as moças (damas) ficarem ao lado da pista de dança esperando que os rapazes (cavalheiros) as tirassem para dançar, por sua vez, o cavalheiro chegava com todo respeito para a dama e a convidava para dançar. Não era permitido quebrar foice, ou seja, dizer não ao cavalheiro, se isso acontecesse, ela a dama era proibida pelo cavalheiro de dançar com outros e poderia gerar confusão, o prazer de quem ia ao baile era de dançar. O namoro de antigamente era um compromisso sério, cheio de expectativas, meu pai dizia que não podia pôr o carro na frente dos bois, o que quero dizer é que certas intimidades a gente só tinha depois do casamento. A moça tinha que chegar ao casamento virgem, do contrário ela estaria desonrada, e se acontecesse dela mentir para seu marido, ela seria devolvida para a sua família.

Ouvimos também o senhor Sebastião Jacinto de 80 anos, que é enfático ao dizer que apesar do avanço que o mundo deu, muitas coisas mudaram para pior; as pessoas não têm mais sossego, andam todas tristes, violentas. Na sua época era melhor, as pessoas se reuniam nas rodas de conversas, existia até os contadores de história. Ele compara os meios de diversão de antigamente com os de hoje e desabafa.

Naquele tempo não existia as tecnologias que existe hoje, por isso as pessoas tinham outra mentalidade, com o aparecimento da luz elétrica e tudo o que ela proporciona como a televisão, as notícias, a moda, as pessoas perderam o interesse nas reuniões de fim de tarde, onde se falava desde assuntos de família até as anedotas, as piadas, os versos, as histórias populares que como consequência ficaraam esquecidas e foram substituídas pelas novelas e os causos da atualidade. A maneira como as pessoas se divertiam antigamente era outra, os namorados só se comunicavam por olhares, sinais e gestos, nem pegar na mão podia. Antigamente, o homem apaixonado escrevia cartas de amor, poesias, verso, fazia serenata, tudo para conquistara mulher amada. Os casamentos eram para a vida toda, e quando acontecia separação, a mulher ficava mal vista e ganhava nome de mulher à toa.

A senhora Flora, de 77 anos, conta que a fazenda onde morava era mal assombrada e no fundo do quintal de sua casa havia um riacho, onde certa vez uma mãe estava banhando seu filho ainda bebê quando apareceu o Nego D'água e arrastou a criança para o fundo das águas. Perguntamos a Flora como era o Nego D'água e ela nos respondeu:

Ele é encantado, vive no fundo dos rios e córregos, às vezes, ele sai do fundo e fica nas margens esperando alguém para fazer maldades. Ninguém sabe de onde surgiu, ele é uma mistura de bicho com homem, muito forte e tem um só olho no meio da testa, é enfezado e não gosta de pescadores. Por isso agarra o fundo das canoas e dos barcos fazendo com que afundem. Seu corpo é á prova de bala. Falam também que se ele gostar da pessoa, ele se torna amigo, até ajuda nas pescarias. Uma maneira de agradá-lo é oferecer-lhe fumo.

Segundo Alves (2008, p. 17), a crença na magia, como a crença no milagre, nasce da visão de um universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos. Geralda Ferreira, 74 anos, assim como Flora e os demais depoentes se espanta com as mudanças e julga o progresso como algo negativo que acabou com as coisas boas do passado. Ela

desabafa:

Quando demorava a chover faziam-se promessas para combater a seca o povo se reunia, saía pelos campos em oração, havia as penitências como carregar pedra na cabeça e colocar ao pé da cruz, a reza do terço e, as prossições até a igreja. No meu tempo a quaresma era uma época em que as pessoas se apegavam em oração e jejum, diziam que as forças do mal se manifestavam com mais intensidade. Por isso, aparecia lobisomem e mula sem-cabeça, não havia festas e bailes. Na Sexta-Feira Santa, tinha todo um ritual, não se praticava a ordenha nas vacas, porque segundo diziam, ao invés de leite sairia sangue, cobriam-se todos os espelhos por que se olhasse veria outra imagem refletida e não a sua. A páscoa era comemorada junto com os familiares e não havia esse comércio de chocolate como hoje em dia, presenteava-se com ovos decorados simbolizando a ressurreição de Jesus.

Por meio desses depoimentos, verificamos o quanto esses idosos acreditavam e valorizavam suas histórias e aponta as mudanças ocorridas no mundo como culpadas por aqueles fatos do além não acontecerem mais nos dias de hoje. Observamos também que o meio rural oferece algumas vantagens para os idosos que passaram grande parte da vida no campo. Conforme Siqueira e Silva (2002), citados por Albuquerque (2009, p. 72),

Os meios rurais são contextos privilegiados de envelhecimento, devido ao aspecto físico permanecer estável por muito mais tempo e as mudanças acontecerem de forma mais lenta, o que favorece aos idosos maior familiaridades com o meio, os idosos tendem a possuir mais calma devido a maior intensidade dos laços afetivos com vizinhos, que por ser uma população pequena estabelece mais apoio e um relacionamento mais próximo reforçando a interação social.

No entanto, verificamos que muitos desses idosos hoje são pessoas abandonadas pela família. Podemos afirmar que isso justifica a depressão de muitos e seria muito importante o apoio da sociedade e, sobretudo da família de cada um, para que eles pudessem ter uma auto-estima melhor. Nesse sentido, buscamos em Diener e Oishi (2005), (*apud* ALBUQUERQUE, 2009) a afirmação de que os laços familiares são fundamentais para o bem-estar das pessoas. Costa (1998, p 17) complementa que “uma vida adequadamente vivida constitui, um escudo contra os riscos psicológicos que a velhice comporta” e acrescenta que muitos dos problemas psicológicos da velhice provêm de conflitos afetivos e frustrações correspondentes a épocas anteriores da vida. As dificuldades psicológicas se acumulam na velhice das pessoas que não viveram plenamente satisfeitas na juventude.

Considerações finais

Apesar do envelhecimento da população ser um problema ainda recente nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil, considerado como um país de jovens, podemos prever seus efeitos econômicos e sociais, que só tenderão a crescer com o passar dos anos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2050, estaremos com mais de 1 bilhão e 500 mil idosos. O número bastante expressivo dá a dimensão da importância de

se conscientizar a sociedade da importância de ter um outro olhar para o idoso.

Nesse sentido, devemos estar cientes do apregoado no Estatuto do idoso (2003), Art. 26, que lhe confere “direitos ao exercício de atividade respeitando as suas condições físicas e psíquicas”. Nossa cultura agride o idoso: a falta de acessibilidade contribui para acentuar a sua fragilidade física, que começa nos degraus do ônibus ao trânsito violento, mas principalmente na lentidão da conscientização humana, pois somente dessa forma sua inclusão ocorrerá de fato.

Portanto, precisamos unir esforços no sentido de fazer com que a lei seja cumprida, valorizar as suas tradições, a sua cultura milenar, o conhecimento repassado às gerações não por livros, rádio, disco ou televisão, mas pelo ato de ouvir, brincar, cantar espontâneo, construir mecanismo de preservação da cultura popular, sabendo que o passado e suas práticas culturais são os alicerces de nosso presente e futuro. Os idosos são autênticos livros vivos que guardam verdadeiras relíquias do passado.

Precisamos unir esforços, aliar a interação da universidade com o registro da memória cultural desses sujeitos para que o idoso brasileiro não seja visto como mais um problema social. Com isso, espera-se captar com melhor detalhamento a diversidade cultural, os anseios, expectativas e visão de mundo de indivíduos estigmatizados pela sociedade.

Diante do exposto, não podemos esperar que a sociedade valorize o idoso, que faça cumprir seus direitos, sem antes tentar mudar certas representações que se tem do idoso, como a de que ele é um não-ativo, não-feliz, não-autônomo, não-saudável, não-ocupado e, por isso, não tenha nada a contribuir com a sociedade.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. B. Avaliação do Bem-estar Subjetivo de Idosos no ambiente Rural In - FALCÃO, Deusivania V. da Silva, ARAÚJO, Ludgleydson F. de, (org). Psicologia do envelhecimento: Campinas, SP: Alínea, 2009.
- ALVES, R. Filosofia da Ciência: 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos, 3ª ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- BRANDAO, C. R. Educação Popular. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSTA, E.M.S. Gerontodrama: a velhice em cena. São Paulo: Àgora, 1998.
- DELGADO, L. de A. N. História Oral: memória, tempo, identidades. São Paulo: Autêntica, 2006.
- DURIGAN, M. & QUEIROZ, I. A. Discurso sobre a velhice: da campanha da fraternidade ao Estatuto do idoso. In: GUERRA, V. M. L. Olhares interdisciplinares na investigação sobre linguagem. Cuiabá: Editora Unemat, 2005.
- ESTATUTO DO IDOSO. Brasil. lei nº. 10.741, de 1º de outubro de 2003 – Brasília, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa: Paz e Terra, 1996.
- HADDAD , E. G. M. A ideologia da velhice. São Paulo. Cortez, 1986.
- HADAD, E. G. M. O direito à velhice: os aposentados e a previdência social. 2ª ed. – São Paulo, Cortez, 2001.
- PIAI, A.; PACCINI, M. J.; Viajando pelo Folclore de norte a sul, Cortez, 2004.
- PRETI, D. A linguagem dos idosos. São Paulo: Contexto, 1991.
- SIGRIST, M. Folclore e Manifestações populares, In Cultura e Artes em Mato Grosso do Sul. Eletrônica; Campo Grande, 2006.

